

A CASA PROLETARIA BRASILEIRA

CONFERENCIA REALIZADA PELO ENG. FRANCISCO BATISTA DE OLIVEIRA,
em 5 DE JUNHO NO INSTITUTO DE ENGENHARIA DE S. PAULO.

CONTINUAÇÃO DO MEZ DE JUNHO DE 1940

Muitas são as estatísticas e gráficos que possui a administração daquela Nação, tendo assim facilitado o controle e o estudo da solução mais indicada para cada caso.

As primeiras atividades dessa Comissão, compreenderam o estudo e a interpretação da lei orgânica, orientando sua ação no sentido de realizar uma obra verdadeiramente eficaz de melhoramento social e considerando a preliminar da ação conjunta do Estado com a iniciativa particular.

Os tipos de casas coletivas e isoladas que foram apresentados é o testemunho vivo do esforço e da eficiência desta "Comissão".

A construção da casa popular na Argentina tem sido intensificada e estendida por todo território do país, despertando o maior interesse da iniciativa privada.

Quanto ao nosso país, é necessário que esse problema seja melhor encarado, isto é, que o Estado, a Sociedade, a Família e o Cidadão, tenham uma ideia clara sobre o assunto, para resolvê-lo de maneira completa e total.

Não se trata de fazer cálculos financeiros matematicamente exatos, senão de expor situações moralmente intoleráveis e juridicamente inadmissíveis, ante a notória angústia da nossa economia social.

Precisamos, em primeiro lugar, de estatísticas honestas sobre a situação verdadeira da nossa massa popular. O número de famílias de 1, 2, 3 ou mais filhos. Emfim, de elementos que possam conduzir, o estudo desse palpitante problema a uma solução lógica e eficiente.

O nobre pensador Carlos Gide — que é uma das mais acatadas autoridades em matéria de economia social e de estatística — resume em poucas palavras a significação transcendental da moradia: — "O alojamento é no solo condição necessária para o conforto, senão também para a saúde, e em certo modo, para a moralidade"... E acrescenta. "Tem certas virtudes elementares, como a limpeza e a decência, cuja prática é impossível num alojamento sordido".

O problema é nacional e não de classe. É público e não privado. Precisamos criar o nosso "Orgão nacional de casas populares" para apressar a transformação desejada — do casebre em casa higiénica.

Si é um ato de justiça reconhecer o trabalho até hoje realizado pelos nossos diferentes Institutos Profissionais, não é menos urgente prestar atenção no que falta por fazer.

Só com a criação desse Orgão Central poderemos ter esse assunto encarado como um problema nacional.

Os urbanistas argentinos, Benito J. Carrasco, José M. Ahuma (filho), Angel Guido, Carlos M. della Paolera e Wlademiro Acosta, apresentaram no Congresso interessantes trabalhos referentes ao desenvolvimento técnico e urbanístico da vivenda popular portenha.

Os planos reguladores e de extensão de "Cordova" e de "Concordia" elaborados pelo urbanismo Benito J. Carrasco em 1927, apresentaram as características mais modernas da urbanística. Os logradouros artisticamente traçados mostraram excelente orientação técnica. O estabelecimento de um zoneamento bem estudado, deram a esses dois planos um carácter moderno de "Cidade organismo vivo".

O trabalho apresentado pelo urbanista José Ahumada (filho), intitulado "O urbanismo e a vivenda popular", com várias considerações a respeito do "plano regulador e regional", é digno de destaque. De início, focalizou a importância da aspéto urbanístico da casa popular, fazendo uma série de demonstrações de soluções da Alemanha, Suécia, Portugal, Itália e Estados Unidos, encerrando o seu trabalho com a publicação do plano que, atualmente, executava, nos arredores de Buenos Aires e que constituía de uma bairro-jardim, satélite da capital

portenha, destinado a proteger a construção de um grande "Hospital" do excesso das edificações urbanas.

O urbanista Angel Guido, durante os dias do Congresso, fez interessantíssima exposição dos planos que executou para as cidades do norte argentino — Tucuman, Salta e Santa Fé.

Esses planos executados de acordo com a técnica urbanística mais moderna, compunha-se dos seguintes estudos: evolução da cidade — demografia urbana — meteorologia urbana — regulamento funcional de edificação — tráfego — plano viário — plano ferroviária e remodelação urbana. Todos esses estudos acompanhados de diversos gráficos, estatísticas e maquetes.

O urbanista Carlos M. della Paolera — Diretor do Departamento de Urbanização de Buenos Aires — apresentou o plano que havia elaborado para a cidade de Rosario e a documentação técnica da grande realização urbanística que conseguiu para o centro de Buenos Aires, com a abertura da Avenida 9 de Julho e de outros importantes logradouros.

Essa direção do plano urbanístico de Buenos Aires, querendo interpretar fielmente o sentimento de todos que se preocupam com o aperfeiçoamento das aglomerações humanas, procurou reunir em um símbolo, de compreensão universal, a expressão dos elementos naturais que integram o ideal urbanístico.

O símbolo do urbanismo é representado pela trilogia de elementos naturais e essenciais á vida humana — ar, sol e vegetação.

Nessas colmeias humanas que são as grandes cidades modernas, têm-se rompido o equilíbrio racional entre a obra artificial e os elementos que a natureza nos oferece tão dadiosamente. Segundo os mais variados rumos, os urbanistas modernos do mundo inteiro, chegaram á conclusão de que é necessário reconquistar o sol, o ar e a vegetação, para o ambiente da cidade moderna.

As teorias urbanísticas de pontos de vista opostos se irmanam neste objetivo final, de estabelecer a maior união da cidade com a terra vivente, permitindo franca entrada da natureza nas massas inertes da edificação urbana.

A cidade, como a árvore não pode ser separada da terra que a sustenta.

Durante muito tempo acreditou-se por uma falsa associação de ideias, que o progresso urbano consistia em encher de construções todo terreno baldio.

Era um grande erro, pois a edificação compacta, tornando uma extensão importante, produz na cidade um desequilíbrio que affecta profundamente a regularidade de suas funções biológicas. Não podemos confundir progresso com desenvolvimento anormal ou deformação patológica do organismo urbano.

O progresso urbano, não consiste, pois, em invadir cegamente os terrenos e sim em edificar conscientemente, tendo-se a preocupação de assegurar a formação e a conservação do espaço por onde devem entrar, o ar puro e o sol vivificante, no interior das casas e dos bairros.

Permitir que as habitações dos seres humanos se amontem desordenadamente, cercadas de ar viciado composto de fumaças e gases impuros, formando assim um ambiente anti-higiénico e nocivo ao aprimoramento e a conservação da espécie, significa incorrer em um anacronismo que se choca com o ideal de progresso que procura atingir a civilização.

Felizmente, a reação provocada pelo urbanismo desses últimos tempos tem contribuído para propagação mundial dos preceitos sanitários. Lutando contra a rotina e o cepticismo, os urbanistas desejam que o ar e o sol entrem em todas as habitações e que a criança se desenvolva e fortifique num meio propício em contato íntimo com os dons e os esplendores da natureza. Todas

as concepções do urbanismo visam essa preocupação fundamental.

Desde a composição de ordem monumental até a mais modesta organização do tipo de cidade-jardim, exprimem claramente, que os espaços verdes integram todas as novas criações urbanísticas e penetram até suas mais sutis ramificações, como elementos de equilíbrio na obra artificial.

Foi com esse espírito que a comissão de Urbanismo do 1.º Congresso Pan-Americano da Vivenda Popular realizado em Buenos Aires, encarou a solução do problema da casa barata, tendo sintetizado as suas conclusões nestes tres itens:

1.º — Todo plano de vivenda popular deve ser encarado — prévio a todo estudo de qualquer natureza — como um problema urbanístico, isto é, todo projeto de vivenda popular deve ser considerado parte integrante do plano regulador e regional.

2.º — Os temas fundamentais dos planos de vivenda popular devem referir-se ás seguintes normas urbanísticas: zoneamento, parcelamento funcional, espaços verdes, vias, saneamento e ambiente, considerando indispensavel a criação de uma legislação de emergencia que impeça a expansão da cidade, até enquanto não disponha, a mesma, do plano regulador e regional, ou, pelo menos do plano de zoneamento geral.

3.º — A conveniencia de crear o "Instituto da Vivenda Popular" em cada paiz da America, com a finalidade de zelar pela applicação dos principios basicos consagrados pelos Congressos. E para estabelecer um maior intercambio dos estudos realizados pelos diferentes paizes, crear um Comité Internacional da Vivenda Popular.

Outro trabalho apresentado e defendido no Congresso, que merece ser destacado, foi o do urbanista Wlademiro Acosta. A sua primeira parte cuidou da vivenda, estudando os diversos tipos de habitações minimas e apresentando varias considerações sobre o Lar e o terreno livre; a casa e o clima; a vivenda obreira e o meio urbano; a vivenda proletaria e a zona rural.

A segunda parte do seu trabalho, tratou da cidade, examinando, o fenomeno da evolução técnico-economico e social, fazendo uma serie de estudos sobre "city-block", apresentando diversos planos de bairros "city-block integral" e demonstrando os detalhes de uma "cidade linear".

No Uruguai já se observa tambem muita cousa interessante sobre a "casa-lar" e a "cidade-viver".

A construção dos bairros populares daquele paiz está entregue ao "Instituto de Vivendas Economicas", que, visando a necessidade de tornar o gasto de habitação popular, igual a 20 % do ordenado do habitante, constroee casas higienicas e confortaveis que são vendidas aos interessados em prestações, a um prazo de 20 anos e com um interesse, apenas, de 3 % de juros.

Em Montevideo observa-se a construção de varios bairros distribuidos pelos diversos pontos urbanos, contando cada um cerca de 200 casas.

Essas residencias são vendidas por 13 pesos mensaes + — (100\$000), no prazo de 20 anos, a 3 % de juros.

E' interessante notar que o operario servente naquela Capital, tem o seu ordenado entre 60 e 65 pesos + — (500\$000). Por conseguinte, a sua vida financeira está equilibrada. A mensalidade da sua vivenda corresponde a 20 % do seu ordenado.

Os urbanistas, uruguaios Mauricio Cravotto, Eugenio P. Baroffio, Americo Ricaldoni, Pio H. Braem, Daniel Rocco, Teofilo Herram e muitos outros, têm trabalhado arduosamente pela ciencia urbanistica. Os planos elaborados e executados naquele paiz, representam um elevado indice de cultura e de capacidade realista.

Uma comissão de técnicos especializados do Chile organizou para o Congresso, importante estudo sobre os aspetos economico-social, higienico, economico-financeiro, arquitetónico-construtivo, educacional e juridico-legislativo da vivenda popular, com referencia ao seu paiz.

O capitulo do "Urbanismo e a vivenda popular" tratou detalhadamente da isolamento das casas e dos espaços livres; da pluvialia do sólo como fator negativo do urbanismo; do problema do antagonismo existente entre a cidade e o campo; dos estudos da subdivisão das quadras.

Inegavelmente, o CHILE foi um dos paizes americanos que mais se interessou pelo Congresso. Além de uma documentada exposição de trabalhos projetados e realizados apresentou valerosos estudos sobre o problema da "habitação popular". O órgão central e oficial, que cuida desse problema naquele paiz, é a "Caixa da Habitação Popular".

No Perú, a construção do primeiro bairro popular

se verificou em 1936 e até 1938 já se constatava a construção de mais quatro bairros, contando cada um, em média, cerca de 200 casas.

O plano do "Bairro de Vitória" executado recentemente num terreno amplo e previamente urbanizado, representa uma magnifica realização urbanistica. Esse bairro, além de possuir uma grande area verde, contem um interessante "restaurant" de comida nacional e um completo campo para exercicios fisicos.

A delegação dos Estados Unidos fez uma longa demonstração do programa que vem realizando o seu governo desde 1933 sobre o problema da casa popular.

O Departamento coordenador, fiscalizador e realizador da casa popular daquela grande nação americana é a "Autoridade Central da Vivenda Popular".

Já foram realizados até a data em que se verificou o Congresso por essa "Autoridade", 189 planos em 36 cidades, contando, cada um, cerca de 1.000 casas, além de uma aprovação que prevê a execução de mais 102.000 casas em 126 cidades.

Nesse particular da habitação barata, pode-se dizer que os Estados Unidos tem empregado um decidido esforço na proteção de valores humanos, por meio da realização do programa que traçou para a sua vivenda popular.

Segundo os quadros universalmente aceitos sobre os gastos de uma familia e tendo em vista a media de estatísticas de 34 paizes, uma familia popular deve gastar as seguintes percentagens de seus salarios semanaes ou mensaes:

Alimentação	50%
Habitação	10%
Rcupas e calçados	15%
Luz e combustivel	5%
Varios (transporte educação, conforto etc.)	20%

100%

Essa distribuição presuppõe logo um ambiente economico-cultural elevado.

No I Congresso Pan-Americano da Vivenda Popular, foi essa questão dos diferentes gastos de uma familia, muito ventilada.

O Deputado Argentino Enrique Dickmann, no seu trabalho "O acesso do povo á casa propria", tem varias considerações a respeito da importancia do equilibrio orçamentario de uma familia demonstrando que na Polonia o aluguel absorve 6% dos salarios; na Tchecoslovaquia, 8%; na França, 10%; na Finlândia, 13%; na Dinamarca, 14%; na Inglaterra, Belgica e Luxemburgo, 15%; no Chile, 15,8%; na Suissa de 15 a 22%; na Suecia, 20,05%; no Uruguai, 20%; na Argentina, 20,54%; na Holanda' 21%; na Alemanha, 22%; e nos Estados Unidos, de 20 a 25%.

Em nosso paiz, infelizmente, o aluguel absorve, ainda, mais de 30% do ordenado das familias brasileiras.

Quanto ao desenvolvimento urbanistico das nossas cidades não me ocuparei detalhadamente. Lembrei apenas, a eficiencia de uma campanha inteligente sobre o valor de um plano regulador e regional para cada uma delas.

A acidentada configuração topografica de nossas cidades, os seus traçados tipicamente coloniais e as suas permanentes crises financeiras, tornarão, em breve, inequivel, qualquer plano de transformação, extensão, saneamento e embelezamento.

Com grande claridade, o Professor Agache, analisou o corpo urbano, comparando-o a um organismo vivente.

Nenhuma imagem poderia representar melhor a constituição e a vida das cidades. Essas nascem, crescem, vivem e como os seres anima, os enfraquecem e morrem. Nascidas da poeira, voltam á poeira. Lei implacavel do destino que as numerosas ruinas das antigas metropoles assim atestam.

Quantas analogias surpreendentes essa assimilação nos revela.

O sistema circulatorio das cidades é constituido pelas avenidas e ruas, que funcionam como arterias e vasos.

Esse sistema leva e reparte todos os pontos do corpo urbano, a substancia necessaria á vida. O coração é o centro da cidade, para onde convergem todas correntes de circulação.

O sistema muscular é representado pela rède das linhas eletricas que contem a energia necessaria ás suas industrias e aos seus transportes.

(CONTINUA NA PAG. 124)

São os espaços livres — avenidas, praças, jardins, parques, play-grounds, etc. — os pulmões de uma cidade. Do mesmo modo as células do corpo humano tiram oxigênio pelo contato dos vasos do sistema arterial, as habitações recebem o ar e a luz, indispensáveis à sua salubridade, dos vãos abertos.

As rês d'água e de esgotos identificam-se perfeitamente com o aparelho digestivo. Os grandes mercados de alimentação, formam o estomago da cidade.

Como um ser vivente, a aglomeração urbana está exposta a mal-estares, doenças, etc.

A patologia e a terapeutica, também, podem ser representadas a primeira, estuda os fenomenos morbidos inherentes ao desenvolvimento incoerente do corpo urbano e a segunda nos indica o remedio apropriado ao mal. Para os casos urgentes, temos a intervenção cirurgica, para melhorar as condições de circulação, ar e luz, da arteria, ou para suprimir certos quistos que incomodam à vista.

A cidade tem necessidade de possuir os seus órgãos sempre em estado de exercer as funções que lhes são proprias, realizando a harmonia indispensavel para manter um constante equilibrio.

Como qualquer organismo vivo, a cidade deve sujeitar-se às mesmas regras de higiene, afim de evitar a doença que desorganiza e destróe as celulas, ameaçando-lhes a existencia.

O paralelo entre a cidade e um organismo pode ser estabelecido definitivamente porque sempre se verifica analogia entre eles.

Só de posse de um plano regulador e regional, criteriosamente elaborado, poderá então, a cidade formular o seu tratamento geral, afim de que o seu crescimento se efetue nas melhores condições e que a sua saude se mantenha perfeita.

O plano regulador e regional prevê não só a remodelação do traçado existente como a extensão futura da cidade. Não estamos mais no tempo do urbanismo meramente estético — a nossa época é a do urbanismo economico. Para o estabelecimento do plano regulador e regional são necessarios estudos geologicos, meteorologicos, geograficos, historicos, economicos, demográficos. Calculos referentes aos serviços projetados para as vizinhanças da cidade, e da produção e do consumo dessa mesma cidade. Previsão de locais reservados aos estabelecimentos escolares, edificios publicos, fabricas, hospitais, espaços livres — jardins, praças, play-grounds, parques, etc.

Sem esse plano não se póde cogitar de modificar este ou aquele ponto urbano, porque todos e quaesquer projetos ou detalhes devem estar em harmonia entre si para formar um conjunto estetico agradável, sem prejudicar as condições higienicas e construtivas.

Aos planos de urbanismo se aplicam os grandes principios de composição, que guiam o arquiteto no estudo de um edificio; por isso, deve existir, como na arquitetura uma relação entre as partes numa mesma composição e sobretudo, com a concepção das partes acessórias duma harmonia subordinada às grandes linhas de conjunto.

A primeira providencia de quem deseja construir, reconstruir, ou reformar um predio, é solicitar de um engenheiro ou arquiteto uma planta, onde as dimensões dos compartimentos sejam previstas e o destino das varias peças seja de ante-mão prefixado. Quanto mais complexa fôr a construção, tanto mais necessario será o projeto, pois, este permite a apreciação da obra em seu todo.

Em se tratando, não de um predio novo, mas de um antigo, arruinado pelo tempo, o criterior não é diferente: ainda, se faz necessária uma planta minuciosa, onde fi-

guram, em tintas de cores diferentes, o que deve ser destruido e o que deve ser reconstruido.

Este é o metodo seguido por todos, na construção, reconstrução ou reforma de uma casa.

No entanto, a cidade, que é uma grande casa, a casa principal, a casa de todos, permite-se a sua construção ou reconstrução sem a menor planta.

Sem plano, as cidades recorrem, quasi sempre, à improvisação, este processo eminentemente brasileiro.

Um traçado de cidade é um estudo de antecipação, onde tudo quanto se prende ao seu desenvolvimento se acha claramente previsto.

Não é como muitos pensam, um conjunto de ideias impraticaveis, extravagantes, de realização dificil ou de execução impossivel.

Ele visa estabelecer as diretrizes que se impõem, permitindo modelar os nucleos à medida do seu crescimento, devendo ser estudado em função matematica dos dados antropogeograficos, economicos e sociais, bem definidos.

Do mesmo modo que numa casa de familia, não nos é facilitado fazer de garage sala de visitas; da sala de jantar quarto de dormir, assim, também, na cidade não nos é permitido fazer o funcionamento de uma serraria barulhenta junto a uma residencia; a construção de uma grande oficina ao lado de uma escola; a localização de uma fabrica poeirenta junto a um hospital, e outros muitos disparates tão comuns aos nucleos urbanos que se desenvolvem sem o controle de um plano regulador e regional.

O traçado de uma cidade não exige a sua execução dentro de um periodo administrativo.

O que é preciso é que cada administração construa a parte que lhe compete, dentro do seu respetivo orçamento.

Tudo, porém, com metodo, com logica e em tempo oportuno.

Aprovado o plano, deve a municipalidade crear um organismo autonomo, "comissão do plano da cidade", absolutamente livre das pressões diarias, que tem por fim defender a sua execução, procurando resolver todos os casos com elevação de vistas, sem partidatismo politico e sem preferencias.

Assim, deve ser procedido, porque, a expansão de uma cidade não pode ficar sujeita às mudanças de ideias, de programas, de opiniões, das suas diferentes administrações.

Por essa succinta exposição, é facil verificar que não ha dificuldade em se fazer um pouco de urbanismo, bastando, para isso, que se tenha sempre em vista, que "bom urbanismo" significa, apenas, esforço raciocinado, para dar a cada atividade urbana, uma oportunidade feliz de se realizar com perfeição e economia.

Uma idéa precisa de apoio para se fazer aceitar — diz o Prof. Anhaia Mello — mas uma vez aceita, fundada, alicerçada no coração humano, é um movel poderoso de ação, embrião fecundo que germina, cresce, al-teia e desabrocha em flôr, em fruto, em sombra para o bem geral.

A ideia do urbanismo foi defendida e propagada por visionarios, ha alguns anos, em meio da indiferença e da hostilidade, mesmo. Hoje, essa ideia transformou-se no evangelho, no ideal supremo de toda atividade creadora moderna.

O entusiasmo e o ardor, por esta ciencia hodierna, jamais extinguirá porque ela representa a salvação dos nossos nucleos urbanos.

Assim, estamos certos de que as gerações futuras, irão apreciar melhor o resultado do esforço alcançado pelo urbanismo dessa cruzada de regeneração das condições de vida da sociedade humana.